

MEIO AMBIENTE E ARQUITECTURA DA PAISAGEM

Patrícia Diogo

RESUMO

A abordagem sobre o valor dos vazios, na sequência da investigação que temos vindo a realizar no âmbito do tema, “Núcleos Rurais – Uma Manifestação de Autenticidade”, serve de enquadramento às transformações ocorridas no território que compreende as Terras de Bragança nos domínios da ocupação, estruturação e organização do espaço considerados no quadro das respectivas coordenadas geográficas, económicas e culturais.

A esse propósito a cultura castreja do noroeste apresenta, no quadro da proto-história da Península Ibérica, uma marcante personalidade que lhe é justamente conferida pela peculiaridade dos povoados localizados entre douro e Minho,

PALAVRAS CHAVE

Arquitetura; Cultura Castreja; Homem; Território;

ABSTRACT

This approach about the value of the voids, follows the investigation that we have undertaken under the theme "Rural Centers - An Expression of Authenticity" as a framework to changes occurring in the territory comprising the Lands of Bragança in the fields of occupation, structure and organization of the space considered in the context of geographical coordinates, economic and cultural.

It should be noted in this regard that the culture has fortified the northwest, in the context of proto-history of the Iberian Peninsula, a remarkable personality that he is just given by the peculiarity of the villages located between Douro and Minho.

KEY WORDS

Architecture; Celtic Culture; Men; Territory;

1- Introdução

Do conjunto das leituras por nós realizadas pode inferir-se que existem divergências interpretativas quanto à datação precisa do período que abrange a cultura castreja no noroeste de Portugal, embora segundo Santos Júnior¹ o seu apogeu se situe na Idade do Ferro, entre os séculos III a.C. e I d.C.



Fig.1 e 2 - Citânia de Briteiros (<http://ml.ci.uc.pt/mhonarchive/archport/msg10563.html>)

Porém, apesar dessas diferenças temporais, é consensual o princípio de que a criação dos castros propriamente ditos corresponde aos movimentos migratórios da área indo-europeia da meseta e das regiões meridionais, principalmente com as expedições levadas a cabo por túrdulos e turdetanos, entre os séculos V e IV a. C., considerando que as estações arqueológicas representativas da cultura castreja do noroeste de Portugal assentam numa linha de castros, de reduzidas dimensões.

Neste sentido, o povoamento das terras de Bragança documentado a partir do primeiro milénio a.C. a par dos povoados localizados entre Douro e Minho, são-nos revelados nos trabalhos de F. Martins Sarmiento², um dos principais pioneiros da arqueologia portuguesa e dos pioneiros a sistematizar um projeto de investigação na Citânia de Briteiros.

¹SANTOS Júnior, J.R. dos - *O castro de Carvalhelhos*, Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, Imprensa Portuguesa, Porto, 1957, p. 29.

²Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, dedicou-se ao estudo da arqueologia. Fez a exploração intensa e metódica das Citânias de Briteiros e Sabroso, perto de Guimarães (1874-1879), junto à Casa da Ponte, onde morou.

2- Meio Ambiente e Arquitetura da Paisagem

A investigação disponível, em que não podemos deixar de destacar o contributo dos trabalhos desenvolvidos por Carlos Alberto Ferreira de Almeida³, permite visualizar o perfil do habitat castrejo e caracterizar os factores mais relevantes que terão estado na origem da escolha da sua localização, designadamente aqueles que se prendem com critérios estratégicos de defesa e com razões de índole económica, nomeadamente a existência de condições favoráveis à prática de atividades agro-pecuárias, decorrentes do aproveitamento dos recursos fluviais relacionados com a rede hidrográfica que se tornavam simultaneamente úteis para a defesa, a subsistência e a comunicação entre populações.



Fig.3 - Planta da Citânia de Briteiros (www.purl.pt/3516/2)

Os resultados obtidos a partir da investigação realizada sobre a cultura castreja contribuem, ainda, para clarificar a especificidade destas primeiras expressões urbanas patentes na ocupação e organização do espaço que, segundo Caro Baroja⁴, resultaram de um processo de longa duração que contou posteriormente com a

³Formado em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e autor de vasta produção científica, a sua obra abrange vários temas, incidindo sobre a Arqueologia e a História da Arte, a Etnografia e a Antropologia Cultural.

⁴CARO BAROJA, J.- *Organización social de los pueblos del Norte de la Península Ibérica en la Antigüedad*, Legió VII Gemina, Diputación Provincial: Cátedra de San Isidoro, León, 1970, pp. 7-62.

FERREIRA da SILVA, Armando Coelho - *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal e cronologias*, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, 1986, pp.124-125.

assimilação de influências externas que agiram como elementos dinamizadores da evolução cultural indígena.

A preponderância desses factores contribuiu decisivamente para a introdução de modelos urbanísticos no contexto de romanização, sugerindo-nos que a distribuição dos assentamentos castrejos nesta fase proto-urbana obedece a uma certa hierarquização que se consubstancia entre todos e cada um desses povoados.

De qualquer modo, é admissível que com este processo de urbanização se tivesse assistido à substituição de pequenas unidades independentes por agrupamentos com configurações mais expressivas, mormente se tivermos em conta que uma forte concentração demográfica implica sempre novas formas de organização e novos modelos de ordenamento espacial que, nestas circunstâncias ocasionaram os alinhamentos quase ortogonais das suas ruas que enquadraram núcleos autónomos compostos por construções habitacionais⁵.

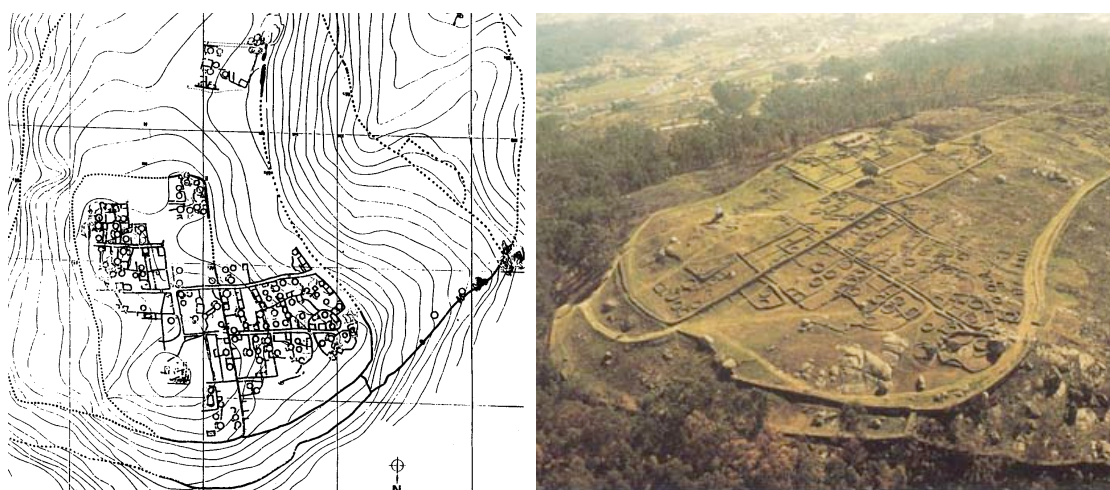


Fig. 4 e 5 - Planta e vista aérea da Citânia de Sanfins (<http://algarvivo.com/arqueo/ferro/sanfins.html>)

Um caso paradigmático desse sistema encontramos-lo na organização espacial da Citânia de Sanfins que nos fornece uma estrutura de ordenamento ocupacional moldado a partir da rua central orientada no sentido Norte/Sul⁶ a que se ligam outros

⁵LEMOS, F. S - *Povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental*, vol. I a, Universidade do Minho, 1993.

⁶Orientação solar que acompanha a história do planeamento humano muitas vezes referenciada por *Cardus*, termo latino que significa rua orientada no sentido Norte/Sul. Esta rua, de carácter principal, cruza-se habitualmente com outra, *Decumanos*, que significa outra rua principal, perpendicular à anterior com a orientação este/oeste.

arruamentos transversais mais ou menos equidistantes, formando recintos que enquadram construções convergentes para um pátio.

Embora seja arriscado quantificar o alcance deste movimento, não se poderá ignorar que a amplitude do reordenamento territorial terá sido influenciada pela aptidão dos recursos naturais, uma vez que a movimentação das populações tinha como objectivo explorar as terras de maior valor agrícola, dada a importância económica que estas detinham nas sociedades proto-históricas.

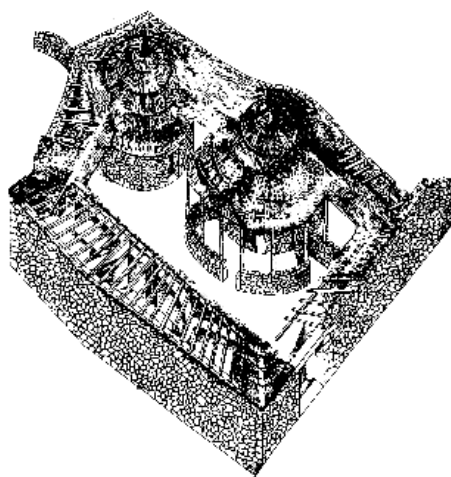


Fig. 6 e 7 - Núcleo Familiar, Citânia de Sanfins (<http://commons.wikimedia.org> por Henrique Matos)

Por outro lado, tendo em conta a força dos contactos cada vez mais regulares com os romanos, ou com a consumação das etapas da conquista peninsular, esta região terá assistido a profundas alterações de ocupação territorial que originaram o surto de novas aglomerações proto-urbanas, polarizando o conjunto das atividades de ordem defensiva, político-administrativa, económica e religiosa em lugares centrais de territórios demarcados⁷.

Uma análise feita a partir da Citânia de Sanfins, em função do meio ambiente e segundo princípios de hierarquia e zonas de influência dos mais significativos centros populacionais, sugere a consideração deste movimento como um dos aspectos fundamentais no processo de ordenamento regional dos povoados castrejos.

⁷SILVA, A. C. F.- *A evolução do habitat castrejo e o processo de protourbanização no noroeste de Portugal durante o Iº milénio a. C.*, Revista da Faculdade de Letras, II série, 12, Porto, 1995, pp. 505-546.

Aliás, a determinação hierárquica, desses grandes povoados poderá ter desempenhado o papel central em territórios demarcados que se encontram adstritos a determinados grupos étnicos, conhecidos através de indicações epigráficas que os identificam com células supra familiares, embora inferiores aos *populi* ou *civitates* no contexto da organização social castreja.



Fig. 8 e 9 - Castro de S. João das Arribas, Miranda do Douro (<http://mjts.wordpress.com/category/arqueology>)

Limitando a nossa observação às terras de Bragança, com base na importância da extensão territorial, área ocupada e categorias urbanísticas, poderão ser reconhecidas na densidade da rede de povoamento vários lugares castrejos.



Fig. 10 e 11 - Castro Castelo dos Mouros, Vilarinho dos Galegos e Castro Ciguadenha, Miranda do Douro (<http://mjts.wordpress.com/category/arqueology>)

Estes lugares, tanto se encontram distribuídos pelas chãs do planalto⁸ por acidentes geográficos, como em consequência da rede hidrográfica ou do perfil da sua orografia

⁸Referimo-nos ao povoamento dos actuais concelhos de Miranda do Douro e de Mogadouro, entre os meados do 4º milénio e o início do 1º a.C.

em face de necessidades defensivas que originaram o despovoamento das zonas de cota mais elevada a favor de uma ocupação fortificada de castros de reduzidas dimensões nos vales profundos do território.

É natural que esta forte concentração demográfica tenha implicado novas formas de ordenamento espacial, como se pode depreender dos alinhamentos quase ortogonais das ruas que enquadram as unidades modulares de núcleos autónomos compostos por várias habitações.



Fig. 12 - Vale de Àguia, Miranda do Douro

Referimos uma vez mais à organização urbana da Citânia de Sanfins para sustentar o pensamento de que nos oferece, neste aspecto, um modelo de ocupação intra-muros diferente e superior em área à generalidade das cidades romanas de Portugal, na medida em que apresenta uma distribuição que organiza distintamente os espaços privados e os que desempenham uma função de natureza pública.



Fig. 13 - Citânia de Sanfins - Banhos (<http://algarvivo.com/arqueo/ferro/sanfins.html>)

Tal como em considerações anteriores se sublinhou, esta perspectiva configura globalmente um esquema urbanístico em que o espaço é ordenado em função do arruamento central que se ramifica em ruas transversais mais ou menos equidistantes, formando uma espécie de quarteirões ou bairros subdivididos em unidades intermédias que convergem para um pátio comum, com acessos próprios, fonte ou cisterna, casa circular com lareira destinada a habitação e outras construções auxiliares que desempenham uma função mista que ocasionalmente são portadoras de forno, bancos de pedra adoçados aos muros exteriores.

Este núcleo, segundo Estrabão⁹, poderá ter ainda incluída na sua estrutura organizacional um recinto funerário, edifícios de função pública - eventualmente de carácter religioso, político ou simplesmente utilitário - embora em Sanfins do Douro se situe extra muros, um santuário rupestre que põe em causa interpretações genéricas sobre os limites da área de ocupação e de serviços destas comunidades.

Esta e outras hipóteses interpretativas, evidenciadas nas suas estruturas defensivas e de serviços públicos, conheceram importantes inovações tecnológicas, onde sobressaem a generalização dos fornos de cozer pão e os moinhos giratórios, certamente coincidentes com a generalização da roda do oleiro e com a produção de cerâmica, denunciando uma forte organização do sistema de produção e a vulgarização da metalurgia do ferro que se tornou imprescindível no fabrico de instrumentos de construção, alfaías agrícolas e ferramentas artesanais.

3 – Conclusão

Nestas circunstâncias, entendemos que é no âmbito de um processo de longa duração, com etapas bem definidas, que incide a evolução do habitat castrejo face à linearidade das transformações ocorridas no espaço e no meio ambiente, em consequência da sua dimensão material e da delimitação cultural da sua história, consubstanciadas na eficácia determinista do passado com a realidade que o presente tem constituído.

Em conformidade com este processo verifica-se que as variantes observadas nas estruturas defensivas dos castros transmontanos, considerando as suas dimensões, aspectos técnicos e outras particularidades - entradas, rampas de acesso às muralhas,

⁹ Historiador, geógrafo e filósofo grego, autor do tratado *Geographia* que inclui 17 livros com a história de vários povos e locais.

fossos, terraplenos e outros elementos - implicam uma indicação de valor cronológico e cultural que se encontram assinalados pela existência de fossos e pedras fincadas, vinculando-os em inúmeras circunstâncias a influências da arquitetura militar da zona da meseta.

4- Bibliografia

ACUÑA CASTROVIEJO, F.- *Panorama de la cultura castrexa en el N.O. de la Península Ibérica*, Bracara Augusta XXXI, 1977.

ALVAREZ UDE, J. et al. - *Las formas de asentamiento en Galicia (Mesa redonda)*, Ciudad y Territorio 1, 2, 1975.

CARO BAROJA, Julio - *Organización social de los pueblos del Norte de la Península Ibérica en la Antigüedad*, Legió VII Gemina, León, Diputación Provincial: Cátedra de San Isidoro, 1970.

- *Los pueblos del Norte*, Txertoa, San Sebastián, 1977.

- *Tecnología popular española*, Madrid, Grafur, 1988.

DURKEIM, Émile - *As regras do método sociológico*, Edições Martin Claret, São Paulo, 2002.

FARIÑA TOJO, J.- *Los asentamientos rurales en Galicia*, Madrid, 1980.

FERREIRA da SILVA, Armando Coelho - *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal e cronologias*, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, 1986.

- *A cultura Castreja no Noroeste de Portugal: habitat e cronologias*", Portugalia nova serie IV – V, 1983 – 1984.

- *Cultura Castreja: Evolução e Problemática*, Arqueológica 8, 1983.

FLORES, Carlos - *La España Popular: Raíces de una arquitectura vernácula*, Madrid, 1979.

GARCIA de los RÍOS COBO, José Ignacio; BÁEZ MEZQUITA, Juan Manuel - *La Piedra En Castilla y León*, Junta de Castilla y León 2001.

LEMOS, F. S - *Povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental*, vol. I, Universidade do Minho, 1993.

MONTES SERRANO, C. - *Arquitectura popular: razones para una favorable apreciación estética*, Arquitectura Popular 1, Valladolid, 1988.

RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S. - *Geografia de Portugal: A posição geográfica e o Território*, vol.I, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 1998.

SANTOS, Júnior, J.R. dos - *O castro de Carvalhelhos*, Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, Imprensa Portuguesa, Porto.

SILVA, A. C. F. - *A evolução do habitat castrejo e o processo de protourbanização no noroeste de Portugal durante o Iº milénio a. C.*, Revista da Faculdade de Letras, II série, 12, Porto, 1995.

TABORDA, Vergilio - *Alto Trás-os-Montes: Estudos Geográficos*, Livros Horizonte, Lisboa, 1987.